

# ALÉM DA TRADIÇÃO: LIMITES EXEGÉTICOS DO QUE SABEMOS SOBRE SATANÁS E A KENOSIS DE CRISTO

Emerson Bruno de Souza e Silva<sup>1</sup> 0009-0009-8041-8514

<sup>1</sup> Emerson Bruno de Souza e Silva possui curso superior completo e atualmente cursa Teologia no Centro Universitário UniFatecie. Atua como empresário no ramo de Tecnologia da Informação. E-mail: emersonsouzact@gmail.com

**RESUMO:** Este ensaio examina duas questões teológicas interligadas pelo método: o que o cânon bíblico efetivamente afirma sobre Satanás e sua queda, e o que o Novo Testamento sustenta sobre a limitação do conhecimento de Jesus durante sua vida terrena. Em ambos os casos, argumenta-se que a tradição cristã chegou a conclusões que o texto permite, mas não exige, sem sinalizar adequadamente a distinção entre exegese e inferência. Na Parte I, os textos de Isaías 14 e Ezequiel 28 são analisados à luz do paralelo danielico, propondo que a linguagem extraordinária de Ezequiel — incluindo o uso do verbo hebraico *bara* — é mais bem compreendida como oráculo de dupla camada dirigido simultaneamente ao rei histórico e ao agente espiritual por trás de Tiro. Na Parte II, a doutrina da *kenosis* é examinada a partir de Filipenses 2, Getsêmani e Hebreus 4-5, propondo uma *kenosis* funcional e seletiva que preserva a união hipostática definida em Calcedônia (451) enquanto leva a sério o padrão de dependência filial demonstrado nos evangelhos. O ensaio conclui que a soberania divina e a solidariedade sacerdotal de Cristo não dependem das narrativas acumuladas pela tradição, mas ficam mais robustas quando lidas diretamente do texto. Na Parte IV, o método é aplicado a um estudo de caso concreto: os escritos de Ellen Gould White e sua recepção dentro do adventismo do sétimo dia, examinados como exemplo documentado do que ocorre quando inferência não sinalizada reivindica autoridade revelada.

**PALAVRAS-CHAVE:** *kenosis; Satanás; exegese; Ezequiel 28; cristologia; soberania divina; tradição teológica; adventismo; Ellen White; profecia; julgamento profético.*

**ABSTRACT:** This essay examines two theologically related questions joined by method: what the biblical canon actually affirms about Satan and his fall, and what the New Testament sustains regarding the limitation of Jesus's knowledge during his earthly life. In both cases, it is argued that Christian tradition has reached conclusions the text permits but does not require, without adequately signaling the distinction between exegesis and inference. In Part I, the texts of Isaiah 14 and Ezekiel 28 are analyzed in light of the Danielic parallel, proposing that Ezekiel's extraordinary language — including the use of the Hebrew verb *bara* — is best understood as a double-layered oracle addressed simultaneously to the historical king and the spiritual agent behind Tyre. In Part II, the doctrine of *kenosis* is examined through Philippians 2, Gethsemane, and Hebrews 4–5, proposing a functional and selective *kenosis* that preserves the hypostatic union defined at Chalcedon (451) while taking seriously the pattern of filial dependence demonstrated in the Gospels. The essay concludes that divine sovereignty and Christ's priestly solidarity do not depend on the narratives accumulated by tradition, but become more robust when read directly from the text. In Part IV, the method is applied to a concrete case study: the writings of Ellen Gould White and their reception within Seventh-day Adventism, examined as a documented instance of what occurs when unsigaled inference claims revealed authority.

**KEYWORDS:** *kenosis; Satan; exegesis; Ezekiel 28; Christology; divine sovereignty; theological tradition;*

## INTRODUÇÃO

Na tradição teológica cristã, existem certos tipos de temas que a maioria das pessoas prefere ignorar, temas difíceis ou polêmicos demais para serem tocados. No entanto, é, na minha opinião, mais perigoso ignorá-los do que enfrentá-los. O silêncio diante de questões difíceis não protege a fé, ele a deixa desarmada. Argumentos falsos prosperam exatamente onde perguntas legítimas nunca foram feitas. Aquele que procura o conhecimento teológico precisa ter maturidade espiritual e emocional para seguir o texto sagrado e reconhecer os limites do que eles realmente afirmam. Não é correto o cético que descarta, nem tampouco o heterodoxo que subverte. O exegeta honesto, porém, prefere dizer “O texto permite esta leitura, mas não a exige” em vez de construir castelos doutrinários sobre fundações que o texto não oferece.

Este ensaio foi escrito sobre esta base e observa dois pontos, aparentemente distintos: o que a Bíblia realmente nos diz sobre Satanás e sua queda e o que o Novo Testamento realmente sustenta sobre a limitação do conhecimento de Jesus durante sua vida terrena. O eixo de ligação entre os dois temas é o método: em ambos os casos, a tradição cristã afirmou mais do que os textos autorizam.

O objetivo aqui não é destruir a tradição. Pelo contrário: é honrá-la o suficiente para distinguir o que ela recebeu dos textos e o que foi acrescentado durante sua formação. Fazer essa diferença, longe de enfraquecer a fé, abre caminho para uma teologia mais responsável e paradoxalmente mais forte.

## PARTE I - O QUE SABEMOS SOBRE SATANÁS

O leitor mais curioso e ávido pelo conhecimento obtido pelos próprios olhos que percorre o cânon bíblico em busca de uma biografia de Satanás ficará surpreso com as informações que não irá encontrar no texto, muito embora sejam de conhecimento geral e seja possível que as tenha ouvido desde criança. O Antigo Testamento apresenta o adversário de forma extremamente esparsa e funcional. No livro de Jó, ele aparece no conselho divino como uma espécie de promotor cósmico, capaz de acusar os homens diante de Deus, mas depende da permissão divina para realizar seus intentos. O caso se repete no livro do profeta Zacarias da mesma forma, no capítulo 3 a função acusatória reaparece, igualmente subordinada à autoridade de Deus. Em I Crônicas 21, tem um papel de instigador levando Davi ao censo censurável, não de soberano autônomo.

O mais interessante nessas aparições não é o que está evidentemente dito, mas o que está omitido. Não existe uma narrativa de origem, nem uma descrição de rebelião anterior. Não há nome próprio no sentido moderno, apenas o título do seu cargo, satã em hebraico é um título que significa acusador, ou adversário. O ser consolidado pela tradição como o príncipe das trevas, que tem uma história definida e bem explicada, é em grande medida fruto de uma construção posterior.

O Novo Testamento é um pouco mais explícito, claro que o objetivo não era relatar a anatomia do inimigo e sim a missão e a pessoa de Jesus. Por que então apareceram tantas informações sem clara origem? Jesus menciona com frequência o adversário, principalmente nos evangelhos sinóticos, mas raramente como objeto de especulação biográfica. As epístolas de Paulo desenvolvem o conceito de principados e potestades e do príncipe das potestades do ar, mas não oferecem a narrativa da queda. O livro do apocalipse, o texto neotestamentário mais rico em informações sobre o adversário, é por definição literatura apocalíptica, gênero que

trabalha com símbolos e imagens e, muito embora não deva ser descartado sob nenhuma hipótese, não oferece reportagem histórica.

Mapeando todas as referências diretas de Jesus a Satanás nos evangelhos e no Apocalipse, nenhuma tem caráter biográfico, como o leitor pode conferir no apêndice ao final deste ensaio.

## I.I - OS DOIS TEXTOS CLÁSSICOS

A tradição cristã consolidou dois textos do Antigo Testamento como as passagens fundamentais sobre a identidade e a queda de Satanás: Isaías 14.12-15 e Ezequiel 28.12-17. Uma leitura honesta de ambos exige que se reconheça, antes de qualquer interpretação, o contexto imediato de cada um.

Isaías 14 é um oráculo de juízo contra o rei da Babilônia. O capítulo é explícito em sua destinação: tomarás esse provérbio contra o rei da Babilônia (14.4). Dentro desse oráculo, a imagem do filho da alva caindo do céu é uma metáfora poética para a derrocada de um governante humano arrogante. O substantivo hebraico *helel*, traduzido no latim de Jerônimo como *Lúcifer*, significa simplesmente 'astro brilhante' ou 'estrela da manhã', uma referência ao planeta Vênus, que é o mais brilhante no nascer do dia e depois desaparece com o amanhecer. Essa imagem era muito bem conhecida no Oriente Próximo para descrever o excesso de ambição e sua inevitável queda.

Ezequiel 28, por sua vez, mostra o oráculo contra o Rei de Tiro. Assim como em Isaías, o destinatário humano de Ezequiel está claramente identificado. No entanto, a partir do verso 12, a linguagem transborda a possibilidade de uma aplicação puramente humana. O texto descreve um ser no Éden, jardim de Deus, um querubim ungido que cobre, criado em perfeição e corrompido pelo orgulho.

You are the one who engraves images, etc.. You are full of the wisdom to seal and to stamp every pattern and shape.

תכנית. פיינטור"א בלע"ז:

13 In Eden, the garden of God you were; every precious stone was [set in] your covering; ruby, topaz, diamond, chrysolite, onyx, and jasper, sapphire, carbuncle, and crystal and gold; the work of your drums and your orifices is in you; on the day of your creation they were established.

י"ג בְּעֶדֶן גִּן־אֱלֹהִים הָיִיתָ כָּל־אֲבֹן יְקָרָה מִסִּכְתָּךְ אֲדָם  
פִּטְדָּךְ וַיְהִלֵּם תְּרֻשִׁישׁ שֹׁהַם וַיִּשְׁפָּה סַפִּיר נִפְדָּ  
וּבִרְקָתָ וְזָהָב מְלֹאכֶת תַּפְּיִד וַיִּנְקְבִיךָ בָּךְ בְּיוֹם  
הַבְּרָאָה כוֹנְנִי:

Rashi רש"י

Um detalhe vocabular do texto merece atenção especial. Nos versículos 13 e 15, o texto hebraico usa o verbo *bara* para descrever a origem desse ser: "desde o dia em que foste criado." *Bara* é um termo especificamente teológico no Antigo Testamento cujo sujeito é invariavelmente Deus, o mesmo verbo empregado em Gênesis 1 para a criação do universo. Não é o vocabulário do nascimento humano ordinário, para o qual o hebraico usa *yalad*.

Essa distinção não é trivial. Um rei humano nasce, *yalad*. Não é criado com *bara*. O uso desse verbo no oráculo introduz uma incongruência vocabular que o texto não resolve se o destinatário for apenas um monarca histórico. Mas se o destinatário real, ou simultâneo, é um ser cósmico criado diretamente por Deus, o vocabulário faz sentido preciso.

Há ainda uma implicação teológica que o *bara* carrega: se seu sujeito é invariavelmente Deus, o texto está afirmando que esse ser foi criação direta e intencional de Deus, não uma entidade eterna, não um antagonista coeterno, não uma força independente. Uma criatura. E o texto acrescenta que foi criada em perfeição: "irrepreensível desde o dia em que foste criado." A maldade não é constitutiva, é posterior à criação. Isso situa o ser descrito numa categoria radicalmente subordinada a Deus, o que converge diretamente com a tese central deste ensaio: a soberania divina permanece intocável porque nem mesmo o adversário escapa da estrutura criacional que Deus estabeleceu.

A pergunta que esse transbordamento levanta é legítima: por que Ezequiel usaria essa linguagem para um rei humano? Três leituras exegéticas sérias merecem consideração.

A primeira leitura seria uma hipérbole poética de corte. Os Reis do antigo Oriente Próximo eram frequentemente descritos com linguagem divina ou semidivina. É possível que Ezequiel estivesse usando essa pretensão do rei de Tiro, que se considerava divino, para construir uma ironia. Se acha perfeito, querubim? Veja o que ocorre aos corrompidos.

A segunda poderia ser o uso do arquétipo. Ezequiel poderia estar descrevendo, além do rei histórico, uma entidade espiritual que lhe fortalecia, a entidade por trás do trono visível.

Essa leitura é coerente com a cosmovisão do próprio profeta, que em outros capítulos vê a glória de Deus em camadas de realidade invisível.

A terceira é a mais relevante para argumentação deste ensaio e será desenvolvida a seguir.

## I.II - O PARALELO DANIELÍCO

O livro de Daniel no capítulo 10 oferece o texto bíblico mais explícito sobre a existência de entidades espirituais vinculadas a reinos políticos terrenos. O anjo que fala com Daniel relata ter sido retido pelo período de 21 dias pelo "príncipe do reino da Pérsia", e menciona que o príncipe da Grécia ainda viria. Miguel é identificado como um dos primeiros príncipes.

Veja o texto na íntegra:

Dan 10:13 - *"Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; e eis que Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu o deixei ali com os reis da Pérsia."*

A linguagem não é metafórica, trata-se de uma cosmologia operacional em que reinos visíveis têm correspondentes invisíveis.

É aqui que a leitura de Ezequiel 28 encontra sua justificativa textual mais forte. Se Daniel, escrito no mesmo período histórico e dentro da mesma tradição profética, estabelece de forma inequívoca que reinos têm príncipes espirituais, então ler o oráculo contra o rei de Tiro como dirigido simultaneamente ao agente espiritual por trás de Tiro não é eisegese. É leitura dentro do mesmo horizonte conceitual.

Essa abordagem tem uma vantagem exegética importante: ela explica a linguagem extraordinária de Ezequiel 28 sem precisar forçar o texto a dizer mais do que diz, nem precisar ignorar o que ele claramente diz. O oráculo pode ser simultaneamente dirigido ao rei histórico e ao príncipe espiritual que o anima, assim como Jesus em Mateus 16.23 dirige-se a Pedro mas fala ao adversário por trás de Pedro.

É preciso, contudo, ser preciso sobre o que esse argumento sustenta: ele demonstra que a linguagem de Ezequiel 28 é compatível com a existência de um príncipe espiritual por trás de Tiro, não que esse príncipe seja necessariamente o mesmo personagem a quem o Novo Testamento se refere como “o adversário” ou “o diabo”. Essa identificação é uma inferência posterior, não uma declaração do texto.

### I.III - LUCAS 10.18 E O TESTEMUNHO DE JESUS CRISTO

“Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago.” Essa frase, registrada por Lucas no momento em que os setenta discípulos retornaram, é frequentemente citada como a confirmação de Jesus à narrativa da queda presente em Ezequiel e Isaías. Porém, se fizermos uma análise cuidadosa, essa afirmação vai se revelar mais rica e mais limitada ao mesmo tempo.

Os discípulos voltam eufóricos com a sujeição dos demônios. A resposta de Jesus não é uma autobiografia cósmica, é uma declaração profética sobre o avanço do Reino. O verbo grego *etheoroun*, no imperfeito, pode indicar visão contínua ou narrativa de passado, e a ambiguidade é parte do texto. Parte dos estudiosos sustenta que Jesus está descrevendo uma visão apocalíptica do momento presente, a derrota do adversário em curso enquanto os discípulos exercem autoridade em seu nome.

A interpretação de que Jesus estava evocando Isaías 14 como referência textual é exegeticamente plausível. Como rabino formado nas Escrituras, citar ou aludir a um texto conhecido para interpretar uma situação presente seria completamente natural. Significa que ele estava dizendo: o que Isaías descreveu, eu vejo acontecendo agora através de vocês.

Há evidência de que a leitura de Isaías 14 como referente a uma queda angélica já circulava no judaísmo do primeiro século, ecos dessa identificação aparecem em 2 Enoque 29 e no Apocalipse de Elias, textos contemporâneos ao ministério de Jesus. Se essa leitura era corrente no horizonte interpretativo judaico da época, Jesus poderia estar usando a imagem disponível sem necessariamente ratificar todos os detalhes da narrativa que a tradição posterior construiria sobre ela.

O que esse argumento não sustenta é a afirmação de que Jesus, ao pronunciar essa frase, estava confirmando com autoridade divina cada elemento da narrativa tradicional da queda, o nome Lúcifer, a guerra celestial, o anjo mais belo, músico adorador, ciúmes do filho de Deus. Isso seria exigir do texto mais do que ele oferece.

### I.IV - O QUE A TRADIÇÃO ACRESCENTOU

A narrativa detalhada e dramaticamente satisfatória da queda de Satanás que habita o imaginário cristão não é uma leitura direta do texto bíblico. É o resultado de um processo histórico de acumulação que envolveu pelo menos quatro camadas diferentes.

A primeira é a literatura intertestamental, especialmente 1 Enoque, que já no período do Segundo Templo elaborava narrativas sobre anjos caídos. É relevante notar, porém, que 1 Enoque não identifica Satanás como líder dos anjos rebeldes, o protagonista da queda angélica

em 1 Enoque é Azazel, não o adversário do Novo Testamento. Usar 1 Enoque como fundamento para a narrativa da queda de Satanás é, portanto, uma projeção anacrônica.

A segunda camada são os Pais da Igreja: Orígenes, Tertuliano e Irineu, que sintetizaram Isaías 14, Ezequiel 28 e os textos intertestamentários em uma narrativa coerente sobre a origem do adversário. Fizeram isso sem distinguir claramente onde o texto terminava e a síntese começava.

A terceira é a tradução. Jerônimo, ao traduzir o Antigo Testamento para o latim no final do século IV, verteu hebel como 'Lucifer', que em latim simplesmente significava 'portador de luz', referindo-se ao planeta Vênus. Com o tempo, 'Lúcifer' deixou de ser uma metáfora astronômica para o orgulho do rei babilônico e tornou-se um nome próprio do adversário.

A quarta e mais poderosa camada é John Milton. O Paraíso Perdido, publicado em 1667, é uma obra de gênio literário que preencheu todos os silêncios do texto bíblico com psicologia, motivação, diálogo e cena. Milton não estava fazendo exegese, estava fazendo literatura. Inclusive dentre suas posições teológicas, existem muitas que vão totalmente contra as verdades bíblicas, que são a base da fé cristã, como o antitrinitarismo de orientação ariana, que desenvolve em seu tratado teológico, sistemático chamado *De Doctrina Christiana* (Da Doutrina Cristã). O problema é que sua narrativa entrou no imaginário cristão com força equivalente à do próprio texto sagrado, e passou a funcionar como se fosse revelação.

O resultado desse processo é que hoje muitos cristãos acreditam saber sobre Satanás muito mais do que os textos canônicos efetivamente ensinam. Reconhecer isso não é heterodoxia, é rigor. E o rigor é um ato de respeito ao texto.

O padrão que emerge da investigação sobre Satanás não é exclusivo a esse tema. A mesma dinâmica, inferência legítima que se sedimenta em certeza não sinalizada, aparece em outra questão que a teologia cristã raramente enfrenta com total franqueza: o que o Novo Testamento realmente sustenta sobre o conhecimento de Jesus durante sua vida terrena. Se a tradição construiu um Satanás mais biografado do que o texto permite, ela também construiu um Jesus com acesso à onisciência divina no Getsêmani que o próprio relato evangélico tensiona. O método é o mesmo. E a mesma honestidade exegetica se aplica.

## PARTE II - A KENOSIS DE CRISTO

### II.1 - O PROBLEMA

Há um problema que a teologia cristã raramente enfrenta com total franqueza: se Jesus é plenamente Deus, e Deus é onisciente, como explicar que ele declarou não saber a data e a hora do fim? Marcos 13.32 é claro: “Daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos nos céus, nem o Filho, mas somente o Pai.”

A resposta tradicional recorre à doutrina das duas naturezas: Jesus é simultaneamente plenamente divino e plenamente humano, e a ignorância seria uma limitação da natureza humana, não da divina. Essa resposta é teologicamente defensável, mas levanta uma questão que não pode ser simplesmente descartada: se a natureza divina de Jesus permanecia plena e onisciente durante a encarnação, que sentido tem dizer que o Filho não sabia?

## II.II - FILIPENSES 2

O apóstolo Paulo, ao descrever a encarnação de Jesus na epístola de Filipenses 2.6-8, usa um vocabulário preciso. “ Sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens”. O verbo grego *kenoo*, esvaziou, deu nome à doutrina da *kenosis*.

Tal debate é antigo e não resolvido; porém, o comportamento de dependência de Jesus durante todo o seu ministério é frequentemente subestimado.

Em João 5.19, Jesus declara: “O Filho não pode fazer nada por si mesmo, mas somente o que vê o Pai fazer.” Em João 8.28: “Não faço nada por mim mesmo, mas falo estas coisas como o Pai me ensinou.” Em Lucas 5.16 e em vários outros textos, Jesus se retira para orar, não como performance piedosa, mas como necessidade verdadeira de comunhão com o Pai.

Esse padrão é uma linguagem de dependência, não de autonomia divina plena. Um ser que age apenas do que recebe do Pai, que ora antes de decisões importantes, que no Getsêmani chora e pede que o cálice passe, esse ser está descrevendo uma experiência que é genuinamente limitada, não apenas aparentemente limitada.

## II.III — GETSÊMANI: O PEDIDO, NÃO O SOFRIMENTO

A cena do Getsêmani (Mateus 26.36-46, Marcos 14.32-42, Lucas 22.39-46) é frequentemente usada em discussões sobre a *kenosis* com foco no sofrimento de Jesus, e a crítica a esse uso é legítima. Sofrimento antecipado não exige ignorância. Um homem pode saber que sobreviverá, conhecer o propósito do que enfrenta e ainda assim sofrer autenticamente diante da dor iminente. Esse argumento, sozinho, não sustenta a *kenosis* epistêmica.

O que sustenta é outro elemento da cena, menos discutido e mais preciso: o pedido.

"Pai, se possível, passe de mim este cálice."

Para compreender o peso desse pedido, é necessário partir da premissa cristológica fundamental: Jesus é plenamente humano e plenamente divino. Não metade e metade, não divindade com verniz humano, não humanidade com poderes extras. Plenamente. E é exatamente essa premissa que torna o pedido teologicamente revelador.

Se Jesus não se esvaziou, se a natureza divina operava em plena autonomia durante a encarnação, então ele já sabia a resposta antes de perguntar. O pedido seria, na melhor das hipóteses, pedagogia para os discípulos que observavam. Na pior, encenação. Nenhuma das duas opções honra o texto de Hebreus que afirma que ele aprendeu obediência pelas coisas que sofreu.

Se, porém, ele genuinamente se esvaziou do exercício autônomo dos atributos divinos, então o quadro muda completamente. A natureza humana de Jesus, diante do peso do que estava por vir, faz exatamente o que qualquer ser humano faria: busca instintivamente outro caminho. Não por falta de fé, não por dúvida sobre a fidelidade do Pai, mas por constituição. É o que significa ser genuinamente humano diante do inevitável.

O pedido não é sobre incerteza quanto ao plano eterno. É sobre dependência real. Quem detém a visão completa é o Pai. O Filho encarnado opera dentro da confiança nessa visão, não por acesso autônomo a ela. E a frase que encerra o pedido confirma isso com precisão: "Todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres." É o gesto de quem reconhece que o Pai tem o quadro completo, e que confiar nesse quadro é suficiente, mesmo sem acessá-lo diretamente.

Hebreus 5.7-8 sela o argumento: "Nos dias de sua vida terrena, ele ofereceu orações e súplicas com grande clamor e lágrimas ao que o podia salvar da morte... e aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu." Um ser que já detinha autonomamente todo o conhecimento divino não aprenderia obediência, apenas confirmaria o que já sabia. O verbo aprender pressupõe experiência genuína. E experiência genuína pressupõe dependência real.

É verdade que aprender experiencialmente não é necessariamente o mesmo que adquirir informação desconhecida, um médico pode conhecer teoricamente a dor e ainda assim aprender algo ao sofrê-la. O argumento aqui não repousa sobre esse versículo isolado, mas sobre o padrão acumulado que os evangelhos constroem: oração antes de decisões, dependência declarada do Pai, pedido no Getsêmani, ignorância confessada em Marcos 13.32. Nenhum desses elementos, sozinho, prova a kenosis epistêmica. O conjunto deles, porém, é consistente com ela, e inconsistente com a imagem de um ser operando em plena autonomia divina durante o ministério.

## II.IV - A UNIÃO HIPOSTÁTICA E A SOLIDARIEDADE SACERDOTAL

Antes de apresentar a posição que os textos sustentam, é necessário delimitar o que ela não é. A kenosis funcional e seletiva proposta aqui não implica fragmentação da pessoa de Cristo, como se houvesse uma consciência humana operando separadamente do Logos. O Concílio de Calcedônia, em 451, estabeleceu com precisão que as duas naturezas de Cristo, divina e humana, coexistem em uma única pessoa, sem confusão, sem separação. Essa definição é o pressuposto, não o alvo, do argumento que se segue. O que está em discussão não é quem Jesus é, mas como a encarnação genuína condiciona o modo pelo qual ele opera durante o ministério terreno. Natureza e pessoa permanecem intactas. O que a kenosis toca é o exercício, não a identidade.

*“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.” (Hebreus 4.15)*

O argumento soteriológico de Hebreus depende inteiramente da equivalência de experiência. Jesus é nosso sumo sacerdote porque passou pelo que passamos, não por algo parecido, mais fácil ou suavizado pela onisciência. Se a tentação foi menos intensa para Jesus do que é para um ser humano comum porque ele sabia de antemão o resultado, o versículo perde seu peso.

A lógica do texto exige que a dificuldade tenha sido real. E dificuldade real pressupõe genuína incerteza experiencial, não necessariamente ignorância metafísica absoluta, mas a experiência encarnada de não saber o que vem a seguir com a certeza que a onisciência divina comportaria.



## II.V - UMA POSIÇÃO MATIZADA

O que emerge dessa análise não é uma kenosis total, a ideia de que Jesus teria abdicado absolutamente de todos os atributos divinos durante a encarnação. Essa posição é teologicamente insustentável e exegeticamente desnecessária.

O que os textos sustentam é uma kenosis funcional e seletiva: Jesus abriu mão do exercício autônomo dos atributos divinos, não de sua identidade ou da possibilidade de acesso a eles quando o Pai assim determinasse. João 8.58, “antes que Abraão existisse, eu sou”, é compatível com essa posição: não é evidência de onisciência contínua, mas de acesso revelado à identidade eterna no momento específico em que o contexto o exigia.

O mesmo vale para os momentos em que Jesus demonstra conhecimento sobrenatural, saber os pensamentos das pessoas, antecipar eventos, conhecer detalhes que não lhe foram comunicados. Esses episódios são compatíveis com revelação pontual operada pelo Espírito, não com onisciência permanente. Eliseu, um profeta humano, demonstrou conhecimento comparável sem que ninguém atribuisse isso à onisciência.

A formulação mais precisa disponível é esta: o acesso de Jesus aos atributos divinos parece operar por concessão paternal progressiva, condicionada ao propósito redentor em cada momento da narrativa evangélica. Identidade retida, atributos operados por dependência.

## II.VI - A AUTORIDADE DO ENSINO NÃO DEPENDE DA ONISCIÊNCIA

Uma objeção previsível a essa posição é que ela comprometeria a confiabilidade do ensino de Jesus: se ele operava com limitações epistêmicas, como confiar no que ele ensinou?

A objeção confunde dois domínios distintos. A confiabilidade do ensino de Jesus nunca reposou, nem nos evangelhos nem nas epístolas, sobre a premissa da onisciência. Repousou sobre a validação: milagres, cumprimento de profecias e, acima de tudo, a ressurreição.

É relevante notar que Jesus nunca introduziu conhecimento exótico, física, cosmologia, história futura além do escopo do ministério. Seus ensinamentos mais profundos são leituras das Escrituras hebraicas, não revelações independentes. Mesmo o ensino sobre o Reino dos Céus e os eventos escatológicos é construído sobre pistas presentes no Antigo Testamento, especialmente em Gênesis, Daniel e nos profetas.

Um professor cujo conhecimento é obtido por dependência do Pai pode ensinar com plena autoridade. A autoridade é delegada, não autossuficiente, e isso é exatamente o que Jesus declara em João 5.19 e 8.28.

# PARTE III - O VALOR TEOLÓGICO DA HONESTIDADE EXEGÉTICA

## III.I - QUANDO A TRADIÇÃO PRECEDE O TEXTO

As duas questões examinadas neste ensaio, a narrativa da queda de Satanás e a kenosis de Cristo, compartilham o mesmo padrão: em ambos os casos, a tradição cristã chegou a conclusões que o texto permite, mas não exige. E em ambos os casos, o processo pelo qual essas conclusões foram alcançadas não foi sempre transparente sobre a distinção entre exegese e inferência.

Isso não é uma acusação de má-fé, nem de ingenuidade intelectual. Os Pais da Igreja eram pensadores sofisticados que sabiam perfeitamente que estavam fazendo síntese teológica. Orígenes, Tertuliano e Irineu operavam com consciência metodológica que muitos leitores modernos subestimam. O problema não foi a síntese, a síntese é necessária e inevitável. O problema foi que, com o tempo, a síntese perdeu sua sinalização. O que nasceu como inferência fundamentada foi sendo transmitido como declaração direta do texto, e as gerações seguintes receberam o produto final sem o registro do processo que o gerou. Distinguir esses níveis hoje não é corrigir os Pais, é reconhecer que toda síntese teológica séria carrega em si o convite à revisão contínua. Esse é o movimento natural de uma tradição viva.

O resultado prático é que muitos cristãos hoje conhecem muito bem a narrativa de Lúcifer construída por séculos de tradição, mas nunca leram Isaías 14 e Ezequiel 28 com atenção suficiente para perceber que o texto não diz o que a narrativa afirma. E muitos nunca se perguntaram se a declaração de Jesus em Marcos 13.32 exige uma explicação mais cuidadosa do que “ele estava falando pela natureza humana”.

## III.II - RIGOR COMO ATO DE FÉ

Há uma tentação de ver o rigor exegético como ameaça à fé. Essa percepção é compreensível, mas invertida. A fé que só sobrevive na ausência de perguntas difíceis é uma fé que nunca foi verdadeiramente testada. A fé que abraça as perguntas, que distingue o que sabe do que infere, que prefere a honesta incerteza à certeza ilegítima, essa fé é mais forte, não mais frágil.

A soberania de Deus não depende de uma narrativa detalhada da queda de Satanás. Os textos que mostram Satanás atuando sempre dentro dos limites estabelecidos por Deus, em Jó, nas tentações de Jesus, na acusação de Pedro descrita em Lucas 22.31, são suficientes para afirmar que o adversário, mesmo em sua ação maliciosa, serve involuntariamente aos propósitos divinos. Essa afirmação não exige que saibamos exatamente como e quando ele caiu.

Da mesma forma, a autoridade de Jesus como Senhor e Salvador não depende de uma resolução definitiva do debate sobre a kenosis. O que Hebreus afirma, que ele é sumo sacerdote capaz de compadecer-se de nossas fraquezas, não é enfraquecido, mas fortalecido, por uma kenosis que torna sua experiência humana genuinamente equivalente à nossa.

### III.III - UM CONVITE À PESQUISA

Este ensaio não pretende ter encerrado as questões que abriu. Pretende ter mostrado que elas merecem ser abertas com mais frequência e mais honestidade do que costumam ser.

Sobre Satanás, há muito que não sabemos e que provavelmente nunca saberemos dentro dos limites do cânon. O silêncio bíblico sobre sua origem é eloquente à sua maneira, talvez porque a narrativa de sua queda seja menos importante para a fé do que o padrão de sua atuação, que o texto mostra com clareza suficiente.

Sobre a kenosis, o debate está longe de esgotado. As posições que a tradição reformada e a tradição católica desenvolveram sobre as duas naturezas de Cristo são sofisticadas e merecem mais do que um parágrafo de refutação. O que este ensaio propõe não é uma nova síntese definitiva, mas uma postura: a de que a limitação epistêmica de Jesus durante a encarnação é uma possibilidade exegeticamente sustentável, teologicamente coerente e pastoralmente rica.

Que outros pesquisadores, teólogos e leitores das Escrituras levem essas perguntas adiante. O texto aguarda leitores pacientes o suficiente para ouvir o que ele diz, e honestos o suficiente para admitir o que ele não diz.

## PARTE IV — UM ESTUDO DE CASO: QUANDO A INFERÊNCIA RECLAMA AUTORIDADE REVELADA

### IV.I — O PROBLEMA DO DOM PROFÉTICO JULGADO

Quando a Igreja cristã aceita, a posição de que os dons espirituais descritos no Novo Testamento, incluindo o dom de profecia, isto é, o continuísmo, permanecem operando dentro da Igreja, ela não dispensa o crente do trabalho de julgar e discernir as manifestações desses dons. Ao contrário, o exige com maior rigor. O apóstolo Paulo é muito claro sobre isso, quando escreve em 1 Coríntios 14:29: "os outros julguem." O dom de profecia, dentro da eclesiologia paulina, não tem a capacidade de se autoavaliar. Ele se submete ao discernimento da comunidade, e essa submissão não é opcional, ou aplicada apenas em casos específicos, é parte estrutural do próprio dom.

Os dois temas que foram investigados anteriormente dentro deste mesmo ensaio têm em comum justamente isso, a ausência do julgamento. A tradição acabou acumulando sobre os satanás, mais do que o texto autorizava e fez isso sem sinalizar onde a exegese terminava e a inferência começava. O resultado foi claro, como demonstrado, as gerações de cristãos que se seguiram receberam um texto forte, em literatura, e muito frágil no sentido teológico.

O mesmo padrão se mostra novamente, de forma mais nítida e com consequências bem mais graves num caso concreto da história cristã, relativamente recente: os escritos de Ellen Gould White e sua recepção dentro do adventismo do sétimo dia.

A análise que se segue, a partir de agora, não é um julgamento sobre a pessoa ou a sinceridade de Ellen White. É, na verdade, uma aplicação do mesmo método exegético que foi utilizado nas partes anteriores desse ensaio. Um corpus que reivindica, direta ou de forma indireta, a autoridade revelada sobre matéria que o cânon bíblico, de forma deliberada, não cobriu.

## IV.II — O QUE A HISTÓRIA DA REDENÇÃO AFIRMA

Em *História da Redenção*, uma compilação das visões de Ellen Gould White sobre o grande conflito entre o bem e o mal, o leitor encontra uma descrição de Lúcifer extremamente detalhada. Ele é retratado com precisão física e psicológica: testa alta e larga, demonstrando grande inteligência; forma perfeita; porte nobre e majestoso; e uma luz resplandecente em seu semblante, mais intensa do que a dos outros anjos. O texto apresenta, de forma ousada, sua insatisfação por Cristo ter sido preferido a ele, enquanto insistia que deveria ser igual a Deus. Mostra também uma conferência com o Pai, na qual Deus teria informado a Satanás que apenas o Filho revelaria Seus propósitos secretos.

Existem ainda cenas da corte celestial, com diálogos, motivações psicológicas e estrutura dramática. Há uma narrativa da guerra no céu com detalhes organizacionais e um desfecho. Em resumo, apresenta-se uma biografia extensa, coerente e minuciosamente detalhada do adversário, exatamente o tipo de conteúdo que, nos outros pontos deste ensaio, procuramos nas Escrituras e em nenhuma parte encontramos.

O problema exegético é imediato e preciso: nada disso está no cânon bíblico.

O apêndice da Parte I deste ensaio mapeia todas as referências de Jesus a Satanás nos Evangelhos e no Apocalipse. O resultado não deixa margem para erro: nenhuma possui caráter biográfico. Jesus menciona o adversário como acusador, como mentiroso desde o princípio, como príncipe deste mundo já condenado e como aquele para quem o fogo eterno foi preparado. Em nenhum momento Jesus oferece uma cena da corte celestial, uma descrição física de Lúcifer ou um diálogo entre o Pai e o Filho acerca do destino do rebelde.

Esse silêncio não parece acidental. Jesus era um rabino formado nas Escrituras hebraicas, conhecia Isaías 14 e Ezequiel 28, e teve inúmeras oportunidades de narrar essa história: nas discussões com os fariseus, nos ensinamentos sobre o Reino e nas instruções aos discípulos. Ainda assim, não revelou aquilo que Ellen Gould White afirma ter visto em visão.

## IV.III — O DILEMA CRISTOLÓGICO

O fato de Jesus ficar em silêncio sobre esse assunto cria um dilema que o adventismo não esclarece.

Se Jesus é o Logos encarnado e estava presente no momento em que ocorreram os eventos que Ellen Gould White descreve, e se esses eventos possuem a importância que ela lhes atribui, isto é, importância suficiente para fundamentar doutrinas centrais de uma denominação, então o silêncio de Jesus a respeito deles é, no mínimo, desconcertante. Ou Ele julgou desnecessário revelar aquilo que Ellen White posteriormente revelou, o que levanta a questão de por que Deus concederia a ela acesso a matérias que o próprio Filho encarnado não transmitiu; ou Jesus foi menos completo em Sua revelação do que ela, hipótese cristologicamente insustentável.

A saída mais coerente para esse dilema parece ser afirmar que os escritos de Ellen Gould White completam aquilo que Jesus não disse. No entanto, essa solução possui um custo teológico elevado. Ela implica que o cânon bíblico é insuficiente, isto é, que uma revelação posterior preenche lacunas deixadas pela encarnação. Isso já não se enquadra simplesmente no

continuísmo. Trata-se de uma espécie de suplementação canônica, categoria que o próprio adventismo oficial rejeita em teoria, mas cuja estrutura doutrinária acaba exigindo na prática.

#### IV.IV — O PROBLEMA DO CRITÉRIO

A tradição bíblica oferece ao crente continuísta pelo menos três critérios para o julgamento de profecias. Deuteronômio 18:20-22 estabelece o critério empírico: a profecia deve se cumprir. Gálatas 1:8 estabelece o critério doutrinário: a profecia não pode contradizer o evangelho já estabelecido. E 1 Coríntios 14:29 estabelece o critério eclesiástico: a profecia se submete ao julgamento da comunidade.

Aplicados honestamente aos escritos de Ellen White, esses critérios produzem tensões que a defesa adventista dificilmente enfrenta com transparência.

Quanto ao critério empírico, Ellen White afirmou em vida que alguns de seus contemporâneos viveriam para ver o retorno de Cristo. Não aconteceu. A resposta adventista padrão é que declarações desse tipo eram condicionais, dependentes da fidelidade da comunidade. Essa resposta é possível, mas não está no texto das afirmações originais, e aplicá-la retroativamente é precisamente o tipo de movimento que este ensaio identifica como problemático: inferência que se torna interpretação oficial sem sinalizar o que está fazendo.

Quanto ao critério doutrinário, a doutrina do julgamento investigativo, segundo a qual Cristo entrou em 1844 na segunda parte do santuário celestial para examinar os registros dos salvos, não tem paralelo no Novo Testamento. A carta aos Hebreus desenvolve extensivamente o tema do sacerdócio de Cristo e do santuário celestial, mas não descreve essa estrutura investigativa. A doutrina foi construída para dar sentido teológico ao fracasso da profecia millerita de 1844, e Ellen White forneceu o suporte revelado que a sustentou. Essa sequência, fracasso profético, necessidade de reinterpretção, visão que providencialmente valida a reinterpretção, merece o mesmo escrutínio que qualquer argumento circular.

Quanto ao critério eclesiástico, o mais revelador dos três: a instituição que deveria julgar Ellen White foi construída sobre ela. O juiz e o réu são a mesma entidade. Isso não é julgamento profético no sentido paulino. É referendo institucional.

#### IV.V — O QUE ESSE CASO ILUMINA

O exame dos escritos de Ellen White não é um desvio do argumento central deste ensaio. É sua confirmação mais clara.

A tradição cristã chegou a conclusões sobre Satanás que o texto permite mas não exige, sem sinalizar adequadamente a distinção entre exegese e inferência. Os Pais da Igreja fizeram isso ao sintetizar Isaías 14, Ezequiel 28 e a literatura intertestamental. Milton fez isso com consciência literária, sem pretensão de revelação. Ellen White fez isso com pretensão de revelação, produzindo o mesmo tipo de conteúdo, preenchimento dos silêncios bíblicos com cenas, diálogos e motivações psicológicas, mas atribuindo-o a visão divina.

A diferença não é de grau. É de categoria. E é exatamente por isso que o caso merece atenção específica: ele mostra o que acontece quando a distinção entre inferência e revelação não é apenas não sinalizada, mas ativamente negada. O resultado não é teologia mais rica. É uma estrutura doutrinária que não pode ser

questionada de dentro, porque o instrumento de questionamento, o julgamento profético de 1 Coríntios 14, foi capturado pela mesma instituição que o produto deveria julgar.

O texto bíblico, lido com paciência e honestidade, é suficiente. Essa conclusão, afirmada no encerramento das partes anteriores deste ensaio, encontra aqui sua prova mais concreta: onde o texto foi declarado insuficiente e uma voz profética se apresentou para completá-lo, o resultado foi não mais clareza, mas mais camadas de inferência não sinalizadas, desta vez com o peso institucional de uma denominação inteira por trás delas.

## CONCLUSÃO

Começamos com uma pergunta aparentemente simples: o que sabemos, de fato, sobre Satanás e sua queda? A resposta honesta é: menos do que a tradição sugere, e o que sabemos está envolto em linguagem apocalíptica e poética que resiste à leitura literal.

No caminho dessa investigação, encontramos uma questão correlata sobre a kenosis de Cristo, e nela encontramos o caso modelar de como fazer teologia responsável: examinar os textos com cuidado, testar as posições contra objeções sérias, distinguir o que é certo do que é inferência, e preferir a posição matizada à certeza ilegítima.

O fio que une as duas investigações é a soberania divina. Se Satanás nunca ousou um confronto direto com Deus, mas sempre operou nas bordas da verdade, distorcendo, acusando, tentando, e se mesmo essa operação maliciosa serviu aos propósitos de Deus, então a soberania divina não precisa de uma narrativa heroica para ser afirmada. Ela se afirma exatamente no fato de que nem o adversário escapa de seus propósitos.

E se Jesus, em sua kenosis, genuinamente se esvaziou do exercício autônomo de seus atributos divinos para viver a experiência humana com a mesma vulnerabilidade que é nossa, então a encarnação não é uma visita disfarçada. É uma solidariedade real, que nos dá um sumo sacerdote capaz de compadecer-se porque passou por aqui do mesmo modo que passamos.

Este ensaio encontrou, na Parte IV, sua confirmação mais concreta. Quando uma voz profética se apresentou para preencher exatamente os silêncios que o texto deliberadamente deixou abertos, o resultado não foi acrescentar uma camada de clareza, mas uma nova camada de inferência não sinalizada. Porém, desta vez revestida de autoridade revelada e protegida por uma estrutura institucional que tornou o julgamento profético, exigido por Paulo, praticamente impossível de dentro. O caso de Ellen Gould White não é uma exceção histórica curiosa. É a demonstração mais nítida disponível do que acontece quando a distinção entre julgamento crítico e fé na revelação é negada, e não apenas negligenciada.

Ambas as verdades ficam maiores quando libertas das narrativas que a tradição construiu ao redor delas. O texto, quando lido com paciência e honestidade, é suficiente.

# APÊNDICE

## O QUE JESUS JÁ DISSE SOBRE SATANÁS

Abaixo exponho todas as referências do Novo Testamento onde Jesus se refere a Satanás de forma direta ou indireta. Com exceção da referência de Lucas 10, desenvolvida na seção I.III do ensaio, nenhuma tem caráter biográfico, ou acrescenta informações ao que a tradição construiu, exceto talvez a literatura apocalíptica.

### 1. CONFRONTO DIRETO E REPREENSÃO

Jesus enfrentou o diabo diretamente e também repreendeu a influência dele em outras pessoas.

Mateus 4:10 (Durante a tentação no deserto): "Então Jesus lhe ordenou: 'Retire-se, Satanás! Pois está escrito: Adore o Senhor, o seu Deus e só a ele preste culto'."

Mateus 16:23 / Marcos 8:33 (Repreendendo Pedro, que tentava impedi-lo de ir para a cruz): "Jesus virou-se e disse a Pedro: 'Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens'."

### 2. A QUEDA E A DERROTA DE SATANÁS

Jesus descreve a derrota espiritual do inimigo e seu destino final.

Lucas 10:18 (Quando os 72 discípulos voltam de sua missão): "Ele respondeu: 'Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago'."

Mateus 25:41 (Sobre o juízo final): "Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Malditos, apartem-se de mim para o fogo eterno, preparado para o diabo e os seus anjos'."

### 3. O "PRÍNCIPE DESTE MUNDO" (EVANGELHO DE JOÃO)

No Evangelho de João, Jesus usa frequentemente o título "príncipe deste mundo" para se referir à autoridade temporária e usurpada de Satanás sobre a humanidade caída.

João 12:31 (Aproximando-se da crucificação): "Chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo."

João 14:30: "Já não lhes falarei muito, pois o príncipe deste mundo está vindo. Ele não tem nenhum direito sobre mim."

João 16:11 (Sobre a obra do Espírito Santo): "...e do juízo, porque o príncipe deste mundo já está condenado."

## 4. A NATUREZA DO DIABO

Jesus expôs claramente o caráter de Satanás e como ele age contra a humanidade.

João 8:44 (Falando aos líderes religiosos que se opunham a Ele): "Vocês pertencem ao pai de vocês, o diabo, e querem realizar o desejo dele. Ele foi homicida desde o princípio e não se apegou à verdade, pois não há verdade nele. Quando mente, fala a sua própria língua, pois é mentiroso e pai da mentira."

Lucas 13:16 (Ao curar uma mulher no sábado): "E não devia ser solta desta prisão, no dia de sábado, esta que é filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás tinha presa?"

## 5. NAS PARÁBOLAS

Jesus usou a figura do inimigo para explicar a oposição à Palavra de Deus e ao Seu Reino.

Mateus 13:19 (Parábola do Semeador): "Quando alguém ouve a mensagem do Reino e não a entende, vem o Maligno e arranca o que foi semeado em seu coração." (*Em Marcos 4:15, Jesus usa o termo Satanás; em Lucas 8:12, usa diabo*).

Mateus 13:39 (Explicando a Parábola do Joio e do Trigo): "...e o inimigo que a semeia é o diabo. A colheita é o fim desta era, e os ceifeiros são os anjos."

## 6. DIVISÃO DO REINO DAS TREVAS

Quando acusado de expulsar demônios pelo poder de Belzebu (o príncipe dos demônios), Jesus usou a lógica para refutar a acusação.

Mateus 12:26 / Marcos 3:23-26 / Lucas 11:18: "Se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, então, subsistirá seu reino?"

## 7. AVISOS AOS DISCÍPULOS

Jesus alertou seus seguidores sobre os ataques diretos do inimigo.

Lucas 22:31 (Avisando Pedro sobre sua negação): "Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo. Mas eu orei por você, para que a sua fé não desfaleça."

## 8. NO LIVRO DO APOCALIPSE (JESUS GLORIFICADO)

Em Suas mensagens às sete igrejas no Apocalipse, o Cristo glorificado menciona Satanás várias vezes, descrevendo onde ele age e como persegue a igreja.

Apocalipse 2:9 (À igreja de Esmirna): "...Conheço a calúnia dos que se dizem judeus e não são, mas são sinagoga de Satanás." (*Termo repetido em Apocalipse 3:9*).

Apocalipse 2:13 (À igreja de Pérgamo): "Sei onde você vive — onde está o trono de Satanás... Antipas, minha testemunha fiel, que foi morto nessa cidade, onde Satanás habita."

Apocalipse 2:24 (À igreja de Tiatira): "...aos demais que estão em Tiatira, a vocês que não seguem a doutrina dela e não aprenderam os chamados profundos segredos de Satanás..."



Se alterarmos a pesquisa para referências que não foram ditas por Jesus, o resultado permanece igual. Além da literatura apocalíptica, não existe referência biográfica a respeito de Satanás. Versículos para conferência: Atos 5:3; Atos 26:18; Romanos 16:20; 2 Coríntios 4:4; 2 Coríntios 11:14; Efésios 2:2; Efésios 4:27; Efésios 6:11; 1 Tessalonicenses 2:18; Tiago 4:7; 1 Pedro 5:8; 1 João 3:8; 1 João 5:19; Judas 1:9; Apocalipse 12:9; Apocalipse 20:2; Apocalipse 20:10.

---

*As posições aqui apresentadas são hipóteses exegéticas abertas ao debate acadêmico e teológico, não declarações doutrinárias definitivas.*

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia King James 1611. Tradução baseada na King James Version 1611. 3. ed. corrigida e atualizada até dezembro de 2022. Niterói: BV Books Editora, 2022

BIBLEHUB. *Luke 10 — Westminster Leningrad Codex*. Disponível em: <https://biblehub.com/whdc/luke/10.htm>. Acesso em: mai. 2026.

CHABAD.ORG. *Yechezkel (Ezekiel) Chapter 28 — Tanakh: The Hebrew Bible*. Disponível em: <https://www.chabad.org/torah-texts/16126>. Acesso em: mai. 2026.

NOVO TESTAMENTO GREGO ONLINE. Disponível em: <https://disciplinaninja.com/2025/04/15/novo-testamento-em-grego-on-line>. Acesso em: maio 2026.

EBOOKS BRASIL. *Paraíso Perdido — John Milton*. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/paraísoperdido.pdf>. Acesso em: mai. 2026.

NEXTCODELAB. *Shepherd Bible*. Aplicativo móvel. Disponível em: <https://nextcodelab.com>. Acesso em: mai. 2026.

SILVA, Rodrigo. *Os textos mais POLÊMICOS de Ellen White que ninguém explica*. YouTube, 18 maio 2026. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=44Ni01xrALY>. Acesso em: 18 maio 2026.

WHITE, Ellen G. *História da Redenção*. Ellen G. White Writings. Disponível em: <https://text.egwwritings.org/read/1949.61>. Acesso em: mai. 2026.

WHITE, Ellen G. *História da Redenção*. Centro White Brasil. Disponível em: <https://cdn.centrowhite.org.br/home/uploads/2022/11/Historia-da-Redencao.pdf>. Acesso em: mai. 2026.

WHITE, Ellen G. *O Grande Conflito: uma saga milenar e seu final surpreendente*. Título original: *Love Under Fire*. Tradução: Cecília Eller Nascimento. 1. ed., 38. imp. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2022. ISBN 978-85-345-2931-0.